

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Liberal*

Class.: *82 XGR*

Data: *22.05.81*

Pg.: _____

Botocudos pedem a saída da Funai

CURITIBA — Após passarem mais de 24 horas presos pelos Botocudos da reserva indígena de Ibirama, em Santa Catarina os oito funcionários da Funai e mais os seus familiares foram liberados na tarde de ontem quando as lideranças obtiveram promessa da delegacia regional da Funai de que o órgão não mais manterá um posto na área. Segundo informou o delegado regional Harry Telles, na noite de ontem os funcionários serão transferidos para as reservas "que fazem questão da nossa presença". Telles, no entanto, aguardava em um hotel de Ibirama a presença das lideranças para um diálogo, na expectativa de alguma mudança de atitude dos índios.

Harry Telles, esclareceu ainda que ficou na cidade aguardando a liberação dos servidores, o que ocorreu sem qualquer conflito. "Não entrei na reserva com a minha equipe - explicou - porque seria um número maior de pessoas a ficar em poder dos índios para depois barganharem nossa liberdade com a emancipação da comunidade".

A sede do posto da Funai da Reserva indígena de Ibirama (SC) fora ocupada pelos líderes Botocudos, que exigiram, através de mensagem transmitida por rádio a delegacia regional da Funai em Curitiba, a emancipação da aldeia para que 15 pessoas, incluindo funcionários do órgão e seus familiares, fossem libertadas. O delegado regional Harry Luiz Telles viajou para a reserva com determinação de retirar da área todos os seus funcionários. Uma equipe da Polícia Federal de Santa Catarina foi para Ibirama para evitar maiores conflitos.

Embora a ocupação ocorresse às sete horas da manhã apenas no final da tarde de anteontem a delegacia recebeu o ul-

timato dos índios. E o delegado só viajou para a reserva, após manter contato com o presidente da Funai, coronel Nobre da Veiga para elucidar argumentos, numa tentativa de convencer as lideranças indígenas de que não estão sendo enganadas. Isto porque os índios alegam que a Funai já obteve quatro milhões de cruzeiros do DNOS, destinados a indenizar a aldeia pela perda de suas terras com alagamentos de uma barragem de contenção. O coronel Nobre da Veiga, contudo garantiu ao delegado que a verba ainda não saiu e que ontem mesmo iria tentar sua liberação no DNOS.

Mas é a madeira a principal responsável pela revolta dos índios e o consequente pedido de emancipação, que vem sendo reiterado desde 1977. Os índios, proibidos pela Funai de derrubar uma das poucas reservas florestais do sul, sempre se colocaram contra esta determinação. E Harry Telles, em nota divulgada pela assessoria do Palácio Iguaçú, inclusive denuncia que "a comunidade indígena de Ibirama está seriamente comprometida com o corte indiscriminado e ilegal de madeira".

"Por que nós não podemos negociar o que é nosso se todo mundo, até a Funai rouba de nós?" argumentou o cacique Antonio Caxias Popó, ao liderar a invasão na sede do posto, na manhã de quarta-feira.

Um dia antes a Polícia Federal, atendendo solicitação da delegacia regional, havia impedido o transporte de cerca de mil metros cúbicos de madeira. Enfurecidos, os índios informaram aos assustados funcionários que ninguém deixaria a reserva (que foi bloqueada) até que suas reivindicações fossem aceitas.

Através de rádio - único meio de comunicação das reservas indi-

genas - o chefe do posto Dival de Souza passou a intermediar a negociação entre as lideranças indígenas e a delegacia regional da Funai. Os índios fizeram diversas exigências para a libertação dos funcionários que, em última análise resumem-se na emancipação.

Como em 1977 e no ano passado, os Botocudos (ou Xoclog) - que se constituem na maioria dos 700 índios de Ibirama, entre Guaranis e Kaingags - não conseguiram também desta vez a emancipação. Mas a Funai acabou uma das exigências, conforme a nota oficial da Delegacia Regional, assinada por Harry Telles: "Informamos que a partir desta data (ontem) esta fundação, atendendo imposições drásticas dos líderes comunitários indígenas e em demonstração incontestada de seu apego às soluções pacíficas, não vê, de momento qualquer solução que não a de aceitar a exigência de retirar imediatamente todos os servidores e seus familiares da reserva de Ibirama".

Assim, com interferência da Polícia Federal, os funcionários da Funai devem deixar a reserva, situada a 400 quilômetros de Curitiba, ainda, hoje. Mas Harry Telles espera convencer o cacique das boas intenções da Funai e manter o posto através de reunião que deveria ser realizada assim que chegasse à reserva. Na nota, porém, ele informou que adotaria a existência até que a comunidade indígena de Ibirama "revise suas posições". Não esclareceu, contudo, detalhes da ocupação do posto, embora funcionários da delegacia afirmassem que não houve nenhuma ameaça de morte e que, possivelmente sob interferência da Polícia Federal, o chefe do posto à tarde já se encontrava livre.

Juruna atento a Sangradouro

CUIABÁ — O cacique Xavante Mário Juruna anunciou ontem, em contato telefônico com jornalistas de Cuiabá, que os Xavantes estão preparados para "uma grande revolução", caso algum dos índios da reserva de Sangradouro, no leste de Mato Grosso - em luta contra fazendeiros e Funai por causa de 36 mil hectares que querem anexar à reserva - seja molestada por policiais que se encontram na região, a pedido da Funai. Juruna classificou de "loucura, atitude sem cabimento", a decisão da Funai de garantir o retorno dos fazendeiros expulsos pelos índios na semana passada.

Juruna falou de Barra do Garças, depois de ter chegado de viagem da aldeia de Namancurá, onde é cacique. "Se um índio tombar morto, haverá uma grande revolução Xavante, pois todos marcharão para Sangradouro, a fim de defender o nosso povo. Eles estão pensando que Xavante é como os outros índios, que morrem e não fazem nada. Para o Xavante, hora de limite é hora de limite, hora de ter paciência é hora de ter paciência. Se o presidente da Funai e esse secretário de Justiça de Mato Grosso (desembargador Domingos Sávio Brandão de Lima) pensam que índio é criança, instrumento ou objeto estão muito enganados. Nós temos a consciência limpa de que o índio não é a favor de violência. Não estamos agindo por vingança, mas apenas defendendo os nossos direitos".

Na reserva de Sangradouro, continuava ontem a proibição quanto à entrada de jornalistas.